

---

## Nem Toda Nudez Será Castigada:sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo

Camilo Albuquerque de Braz

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1213>

DOI: 10.4000/pontourbe.1213

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Camilo Albuquerque de Braz, «Nem Toda Nudez Será Castigada:sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo», *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 30 julho 2007, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1213> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1213>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# Nem Toda Nudez Será Castigada:sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo

Camilo Albuquerque de Braz

---

## Introdução – os circuitos do sexo<sup>1</sup>

“Foi meio estranho, a princípio. Ter de ficar nu. Apenas com os calçados e com a máscara que ganhei na entrada. Era uma festa de “mascarados”, para comemorar o aniversário do clube. A máscara preta, de elástico, me foi entregue pelo dono do local, que havia mandado fazer um enorme bolo em formato de pênis, avistado logo na entrada. Em volta dele, alguns rapazes já nus, apenas de tênis ou coturnos, altos e musculosos, comiam seus pedaços. No andar de baixo havia uma grande cama coletiva. A maioria dos frequentadores fazia sexo nesse espaço. A presença de malhados, “sarados” e “bombados” era marcante nesse dia. Havia, sim, homens mais velhos. Barrigudos, gordinhos. Mas a grande maioria era de “bombados”. Alguns eram “barbies”, outros eram típicos “ursos”. Um público “seleto”. Parece que a estratégia de “afastar as bichinhas”, como havia me dito um dos organizadores do local, no carro, enquanto íamos para lá, funciona bem. Eu pude ver e ouvir o “macho versus macho” (Braz, 2007) em carne, osso e músculos. Havia muitos garotos na faixa

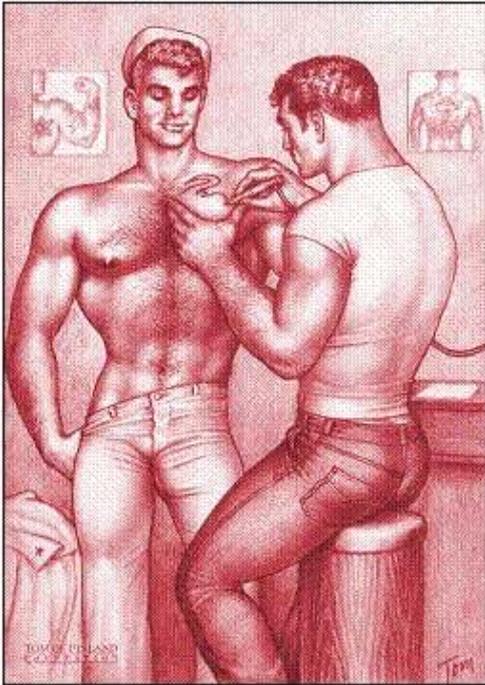
dos 20 aos 25 anos. Bem mais do que nos cinemas-pornô do centro. E quase não havia negros. Um público muito parecido com o que frequenta as boates da moda. Só que aqui eles procuram comportar-se de modo “masculino”. O som tocado próximo ao bar também lembrava o das boates do circuito GLS moderno. A iluminação era penumbra, o que parece ser uma convenção em locais como esse. Depois de meia hora lá dentro, a nudez deixa de ser algo estranho. O que passa a ser esquisito é ver alguém chegando ao local, ainda com as roupas, ou ver os funcionários da casa vestidos, circulando para lá e para cá. Eu percebi que muitos me olhavam. Roçavam em mim enquanto eu passava, de espaço em espaço, apenas observando. Tentavam pegar em mim e eu me esquivava. Queria passar incólume, o mais neutro possível. Mas minha nudez não lhes era invisível”.

- 1 Essas notas etnográficas trazem já alguns dos dados em que me apóio neste artigo, cujo intuito é o de problematizar a construção discursiva da corporalidade em diferentes locais inseridos no mercado do sexo entre homens na cidade de São Paulo. Pensar sobre o modo como a nudez – minha própria e dos outros – é percebida nesses espaços permite um olhar sobre as convenções que regem a corporalidade desejável e desejante dentro deles. Nesse sentido, o corpo é aqui tomado não apenas como sujeito/objeto de reflexões, mas como metodologia de pesquisa. Corpos que são fios narrativos e também analíticos<sup>2</sup>. A produção da corporalidade liga-se ao modo como a masculinidade é reiterada nos contextos estudados. O interesse é, então, pensar nos corpos desejáveis para se entender os sujeitos possíveis.
- 2 Especificamente, tenho em mente o sexo realizado em cinemas pornô, saunas, bares e clubes de sexo, envolvendo em alguns casos elementos “fetichistas” ou “sodomasoquistas (s/m)”<sup>3</sup>. Tomo a liberdade de utilizar aqui tais expressões de modo inclusivo, entendendo que o que é designado como “s/m” ou como “fetiche” é contextualmente variado, sendo um de meus objetivos de pesquisa entender como se configuram esses elementos da perspectiva dos sujeitos com os quais tenho dialogado. Meu interesse é construir uma interpretação antropológica da sociabilidade nesses espaços e de seus sujeitos. Pensando na existência de uma matriz de inteligibilidade cultural hegemônica (Butler, 2003), que opera por meio da reiteração de normas que estabelecem a coerência dos corpos, talvez as práticas que me proponho estudar possam ser descritas como exemplares de descontinuidades, uma vez que romperiam com a coerência estável entre sexo, gênero, desejo e materialidade corpórea. De certa forma, esses homens seriam “corpos abjetos” dentro de uma matriz heteronormativa (Butler, 2002). O abjeto designa, para Butler, aquelas “zonas invivíveis”, “inabitáveis” da vida social “que, sem dúvida, estão densamente povoadas pelos que gozam da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do “invivível” é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos” (Butler, 2002: pp. 19-20). A inteligibilidade não deve ser tomada, aqui, como um campo fechado ou um sistema com

fronteiras finitas. É um campo aberto. A prática social seria constituída por atos repetidos que se instituem como normatividades hegemônicas quando encobrem seus efeitos. Sendo um campo em aberto, nas margens se encontram os “sujeitos” excluídos. E eles ajudam a entender o que seria a norma<sup>4</sup>. Pensar em abjeção em relação a uma matriz cultural hegemônica não significa, contudo, que não possamos pensar na criação de “matrizes alternativas” de inteligibilidade, nas quais a “coerência” seria dada por outros modos de arranjo entre categorias diversas. O fato de que os universos metropolitanos de pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo “sexo” (sejam eles designados como “GLS”, “GLBTTT” ou nenhum dos dois) criam em seu interior formas próprias de “inserção” e “abjeção” é algo que vem sendo apontado em estudos contemporâneos realizados em São Paulo<sup>5</sup>. A questão que norteia minha pesquisa é saber como convenções relativas a uma série de marcadores de diferença (tais como os de gênero, sexo, sexualidade, classe, raça, idade e posições sexuais) são atualizadas por esses homens, levando à possível criação processual de matrizes alternativas de inteligibilidade de corpos, prazeres, desejos e práticas sexuais.

- 3 A pesquisa que venho realizando envolve não só os espaços mencionados, mas também uma etnografia de espaços virtuais. Muitos dos locais que visito contam com páginas na Internet. Criei um perfil no Orkut<sup>6</sup> explicando meus propósitos e pedindo voluntários, por meio de mensagens deixadas em comunidades relacionadas a esse universo. Em pouco tempo, consegui uma lista de homens dispostos a conversar comigo via comunicador instantâneo (MSN), com quem tenho conversado bastante. Por meio de alguns amigos e amigas também entrei em contato com os frequentadores bastante conhecidos nesses locais, como proprietários de clubes e organizadores de encontros sadomasoquistas e fetichistas para homens. A entrada nessa rede tem me propiciado um incipiente e promissor trabalho de campo<sup>7</sup>.
- 4 De acordo com Green e Trindade, a região do centro de São Paulo, sobretudo nas proximidades do Vale do Anhangabaú e da Praça da República, constitui um local historicamente frequentado por homossexuais (GREEN e TRINDADE, 2005). MacRae inclui nessa lista o entorno da avenida Ipiranga (MACRAE, 2005), enquanto Simões e França lembram da famosa avenida Vieira de Carvalho (SIMÕES e FRANÇA, 2005). Antes da criação de um mercado voltado para esse público em meados dos anos 60, as trocas homossexuais se davam em bailes carnavalescos, pela prática do footing em parques, praças, bem como pelas “caçadas” em banheiros públicos, cafés e restaurantes, que abarcavam a sociabilidade dos homens que buscavam outros homens, embora aqueles de camadas mais elevadas preferissem festas particulares e jantares em casas e apartamentos de amigos.
- 5 É na década de 1960 que são abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente homossexual de classe média, “que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos” (MACRAE, 2005: p. 292). O número de estabelecimentos, tais como saunas e boates, cresce nas décadas seguintes. No final da década de 70, uma passeata de protesto contra a “Operação Rondão”, que visava, de acordo com os movimentos de militância, limpar o centro da cidade da presença indesejada desse público, reuniu grupos homossexuais, feministas, além do Movimento Negro Unificado, levando às ruas quase mil participantes.
- 6 Depois da abertura política, cresce o número de estabelecimentos do chamado “mercado gay” (MACRAE, 2005). A palavra “gay” para se referir a esse público é

“importada” nos anos 80. Segundo MacRae, “a origem anglo-saxônica empresta-lhe um glamour de coisa de país desenvolvido”. O autor nomeia tal movimento como de formação de um “gueto homossexual” no centro de São Paulo, enfatizando sua dimensão política e cultural, no sentido de ocupação de um “espaço público” por parte de sujeitos marginalizados. Simões e França nos lembram que o caso paradigmático para se pensar num gueto homossexual é a cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Lá ele constituiria um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização, sendo inclusive local de moradia desse público. Em São Paulo, esse processo teria mais a ver com os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual (SIMÕES e FRANÇA, 2005). A referência aqui é o trabalho de Perlongher, que critica a transposição mecânica da noção de “gueto gay” (que implicaria na universalização da política de identidade gay), para São Paulo, preferindo em seu lugar uma caracterização sócio-antropológica das territorialidades homossexuais na cidade (PERLONGHER, 2005). Simões e França afirmam que há diferentes “guetos” (entre aspas) em São Paulo hoje em dia, diferenciados pelas regiões da cidade. Seus sujeitos seriam agrupáveis não só pela orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo”, pelo modo a partir do qual expressam suas preferências sexuais etc. Por isso, para os autores, é melhor usar as categorias propostas por Magnani (2000) como “manchas” e “circuitos”, que procuram dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, em diálogo com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis. Simões e França apontam para a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais na atualidade. Os guetos se expandem, chegando até à realidade virtual. É nesse contexto, já nos anos 90, que surge a categoria GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), a partir do MixBrasil, que incluía uma página de Internet e um festival de cinema alternativo, ambos voltados para esse público emergente. Os autores afirmam que esse movimento contribuiu para a diluição das fronteiras do que se poderia antes chamar de “guetos”, embora sua ênfase mercantil tenha levado a outros processos de diferenciação por parte de outros grupos, tais como os de militância, que ao invés da sigla GLS, passam a se denominar de outras formas. Importante notar que GLS passou desde então a ser associada a um estilo “moderno e descolado” – caracterizando um público de alto poder aquisitivo e capital simbólico distintivo (SIMÕES e FRANÇA, 2005).



- 7 É com base nas afirmações de Simões e França que procuro localizar o mercado do sexo para homens que venho pesquisando. Talvez seja possível falar num circuito do sexo entre homens localizado dentro das manchas ou circuitos homossexuais da cidade. Haveria, portanto, o “circuito popular” do sexo, localizado no centro da cidade, e os “modernos”, em bairros da Zona Sul. Centro e Jardins constituiriam, da perspectiva de Simões e França, uma espécie de “oposição estrutural” no circuito mais amplo. Eles lembram que isso não significa, contudo, que não haja diversidade dentro de cada uma dessas manchas, bem como circulação de sujeitos, símbolos etc.
- 8 Na área central – Praça da República, Vieira de Carvalho e Largo do Arouche, que constitui um circuito homossexual há várias décadas, é possível vislumbrar a “mancha popular” desse mercado, que inclui de bares a boates. Os frequentadores desses espaços, quando são jovens, sobretudo os que frequentam as boates, são chamados de “bichas quá-qua”, “bichas poc-poc”, “bichas um-real” por aqueles que frequentam outros circuitos - termos que para Simões e França são pejorativos, quase categorias de acusação, “que pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e efeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal” (SIMÕES e FRANÇA: p. 317). Existe uma vasta tradição de estudos sobre as homossexualidades no Brasil, que remonta à década de 80 do século passado, tendo a obra de Peter Fry como referência (FRY, 1982). Nesse modelo, as “bichas” seriam os passivos, considerados homossexuais, em oposição aos “bofes”, que se valeriam de uma suposta ambi-sexualidade (DUARTE, 2004). Esse modelo vem sendo problematizado por pesquisas recentes em São Paulo, que apontam para um processo de circulação dos ideais igualitários entre pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo de diferentes camadas sociais e colocam a necessidade de se repensar o entendimento da materialização dos corpos nesses contextos, levando em conta a intersecção entre diferentes categorias e marcadores (ver, por exemplo, FACCHINI, 2006; BRAZ, 2007).

- 9 Embora Simões e França lembrem que a porção popular do mercado homossexual pareça remeter ao modelo hierárquico proposto por Peter Fry, apontam que há atualmente uma incipiente especialização de serviços ligada à segmentação da homossexualidade em variados estilos de vida. Como exemplo, citam o surgimento de bares e boates para homens mais velhos. Meu interesse, porém, é olhar para uma porção específica dessa mancha. Poderia, então, falar num *circuito* popular do sexo localizado nessa região da cidade, que inclui os famosos cinemas pornô<sup>8</sup>, bem como saunas e clubes de sexo. Não pretendo afirmar que o modelo “bicha-bofe” é preponderante nesses contextos, mas vale salientar que ele persiste como um dos modelos disponíveis pelos a partir dos quais os sujeitos desse *circuito* constroem sentidos para suas experiências. Ele aparece quando se trata, por exemplo, de nomear os rapazes mais jovens que freqüentam os cinemas pornô. Em campo, ouvi que eles são desde “machos ou machinhos que comem bichas”, até “braçais”, termo utilizado por aqueles homens de camadas e idades variadas, que vão a esses locais em busca da suposta “virilidade” desses rapazes, que são de camadas populares e geralmente trabalham como pedreiros, office-boys ou profissões similares. E também como michês. É o “fetiche pelos braçais”. Quanto à nomeação dos homens mais velhos, na faixa dos 50 a 60 anos, que em alguns dos “cinemões” que visitei constituem o maior público, ouvi desde “coroas”, termo que enfatiza não só sua idade, mas também sua “discrição”, visível nas vestimentas e na sua postura, até “terceira idade”. Algumas pessoas também se referem a esses cinemas específicos cuja clientela é de “coroas” como “desmanches”.
- 10 Saindo do centro da cidade, em direção aos bairros de classe média-alta, Simões e França localizam outros circuitos, compostos por um público “moderno”, sintonizado com padrões globalizados associados à homossexualidade. As categorias de acusação operam aqui em sentido contrário – seus sujeitos são chamados de “bichas finas” pelos freqüentadores da mancha popular. A área que vai dos Jardins até a avenida Paulista conta com pelo menos 20 bares e boates. Há também estabelecimentos em outros bairros nobres, tais como Itaim-Bibi, Pinheiros, Vila Madalena e Moema – que contam com mais onze casas noturnas. Além disso, há mais duas boates em bairros mais afastados, a Lapa e a Barra Funda (SIMÕES e FRANÇA, 2005). Com relação ao mercado do sexo, vale salientar que nessa mancha não há “cinemões”. Há, porém, muitas saunas<sup>9</sup>, bares e clubes de sexo, inclusive na Vila Mariana – em que se observa a reprodução do modelo europeu ou norte-americano de clube fechado, voltado para um público mais elitizado<sup>10</sup>.

## Macho versus Macho

- 11 Num artigo publicado na Folha de São Paulo, Carrara se apóia nos resultados de pesquisas junto a participantes das Parada Gays de São Paulo e do Rio de Janeiro<sup>11</sup> e afirma:
- “Para alguns, por aumentar o preconceito, a feminilidade parece politicamente incorreta nos homens. Para outros, deve ser cuidadosamente policiada pelos que se aventuram no mercado dos afetos e paixões (CARRARA, 2005)”
- 12 O autor lembra que, nas últimas décadas, “a emergência pública do fenômeno “gay” tem mostrado que homossexualidade masculina não é sinônimo de “efeminação””. A afirmação de uma homossexualidade viril seria para muitos uma questão política, à medida que desestabiliza o paradigma da “inversão sexual”, que produz a homossexualidade masculina como resultado do “aprisionamento de suposta alma

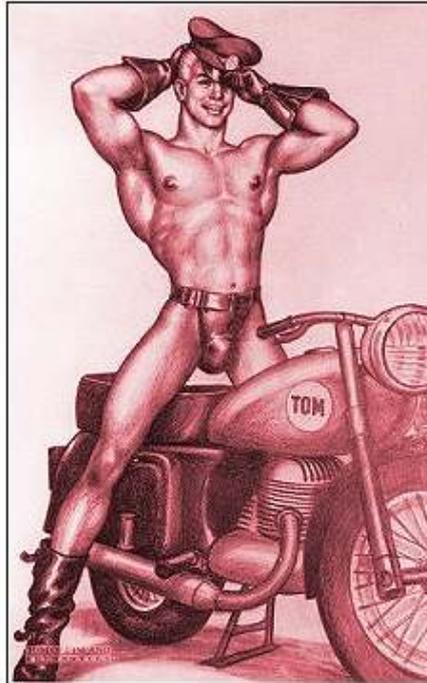
feminina em um corpo masculino” (CARRARA, 2005). Mas essa não seria a única explicação para a rejeição da figura do “afeminado”. Esta pode ser lida também como uma resposta à discriminação, que é desviada para um “subgrupo mais vulnerável” dentro dessa população homossexual. O autor questiona até que ponto “a adequação às normas de gênero vigentes é, para muitos, o preço para ingressar no universo da cidadania ou da conjugalidade bem sucedida”. E conclui o artigo com uma indagação: “Afim, apenas os homossexuais viris, discretos e bem comportados merecem o paraíso?” (CARRARA, 2005).

- 13 Em um trabalho anterior, eu trouxe alguns dados de campo que me permitiram perceber a valorização da masculinidade e a criação do que chamo de “hiper-masculinização” entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, seja na Internet, seja em alguns dos locais de pesquisa (BRAZ, 2007). Na Internet, tanto em salas de bate-papo, quanto numa página de busca de parceiros para sexo e/ou relacionamento afetivo-sexual, ou ainda nas comunidades do Orkut que tenho pesquisado, os usuários buscam conhecer “caras machos”, com postura “masculina”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Apresentar-se como “discreto” ou “fora do meio” e adquirir o status de “macho” parece ser uma maneira de se tornar mais valorizado sexualmente. Tanto aqueles que se identificam como “ativos” quanto os “passivos” buscam parceiros afetivo-sexuais “machos”. Em campo, percebi e ouvi muitas referências a essa valorização da masculinidade exacerbada. Um bom exemplo são os “ursos”, as *barbies* e os “bombados” (ver discussão em SIMÕES e FRANÇA, 2005). O primeiro termo é utilizado nos circuitos homossexuais, e em outros espaços de trocas eróticas entre homens, como referência a um grupo de homens usualmente corpulentos, que valorizam os pêlos corporais (barbas, bigode, cavanhaque, peitoral, axilas). Os *ursos*, embora grandes, não são necessariamente “sarados”, ou “malhados”. A gordura muitas vezes aparece como uma marca corporal valorizada. Eles se opõem às “*barbies*”, termo utilizado para se referir aos homens também altos e fortes, de torsos definidos e geralmente depilados, que se engajam em horas e horas de exercícios físicos em academias de musculação. Se a malhação é regada de hormônios e anabolizantes, o termo passa a ser “*bombados*”<sup>12</sup>. Esses três grupos se apresentam usualmente como “machos”, tanto por meio da aparência, dos sinais de apresentação ou pela postura corporal que indicam “masculinidade”, opondo-se à “afetação” e à “bichisse”.

### Corpos e prazeres

“Fiquei lá por uma hora e meia e só vi uns dois rapazes na faixa dos vinte e poucos anos. Os outros todos tinham entre 30 e muitos e 60 e poucos. Nada de homens “sarados”, malhados, com roupas de moda ou de marca. Camisetas ou camisas de manga curta, calça jeans ou de pano, sapatos, tênis ou sandálias de couro. Logo que cheguei, senti olhares curiosos. Alguns de desejo, outros de curiosidade mesmo. Alguns deles passavam por mim e encaravam, olhavam, piscavam, dava a famosa “pegada” para chamar atenção, essas coisas. E eu de mochila, perambulando para lá e para cá, sem ficar muito

tempo num local só. Acho que isso soava mais estranho ainda. Afinal, quem paga para entrar lá para não fazer nada? Nem se masturbar? O que achei interessante é que ninguém falou comigo. As cantadas eram silenciosas e bastava eu não encarar, ou ficar olhando para a tela, que eles passavam”.



- 14 O primeiro choque quando se entra num cinema-pornô é a escuridão. Não se consegue ver nada. Aos poucos, a vista se acostuma e passa ser possível perceber onde se pisa. Alguns cinemas têm mais de uma tela de exibição. Outros têm vários andares. Nos banheiros, muitas vezes o clima é de “caça”, ou “pegação”. Quase ninguém conversa em cinemões. Os únicos sons percebidos vêm dos filmes. A abordagem raramente é direta. São sempre olhares, insinuações, “secadas”. Em alguns desses cinemas, minha presença é logo estranhada. Não raro alguém vem puxar conversa comigo, querer saber de onde eu sou, quantos anos eu tenho, o que eu procuro ali. Mas essas conversas são sempre fora dos locais de “caça” do cinema – no bar, na escada entre os andares. E sempre conversas rápidas. Quase sussurradas. No cinema, a nudez não é a do público. É a da tela. O jogo de mostrar/esconder as partes do corpo se faz presente nas salas de exibição. Certa vez perguntei para um rapaz por que havia tantos homens em pé, no fundo do cinema. Ele me disse que esse era um sinal de que “eles queriam brincar”. Esses homens se masturbam na penumbra, esperando quem entenda seu convite. No banheiro, o jogo persiste nos mictórios, onde lado a lado os homens se exibem. Ou numa porta de reservado propositalmente deixada aberta. Nesse jogo de mostrar/esconder/ver é que eu me insiro enquanto pesquisador. No “cinemão”, todos somos *voyeurs*. O ponto que quero frisar é que o modo como sou percebido em cada cinema me ajuda a entender as convenções que o regem. Num cinema onde o público é majoritariamente “coroa”, sou estranhado logo de cara. Os olhares, os cochichos, as

divagações. É sempre lá que alguém me pergunta o que “um cara como eu” procura lá dentro. Minha aparência, minha postura, meus gestos, minha corporalidade denunciam que eu não pertencço àquele lugar. E é lá que tentar conversar com alguém quase sempre não é bem visto. Nesses cinemas de “coroas”, a regra é a discrição, a rejeição de estereótipos associados ao homossexual, tais como a “afetação”, os “trejeitos”, ou a “afeminação”. Mas também pode significar que nada neles (roupas, aparência, comportamento) anuncia – ou denuncia – a homossexualidade. O discreto seria então aquele que “parece um heterossexual”. Ou, como disse um rapaz com quem conversei certa vez num dos cinemas, “são todos enrustidos”. Os filmes exibidos são quase sempre heterossexuais. As roupas são “discretas” – calça social ou jeans, camisa de botões. Os rapazes mais jovens, como eu, são presumivelmente garotos de programa. Ou, então, são os “machinhos que comem bichas”.

- 15 Um dos locais onde tenho pesquisado é uma sauna do circuito GLS “moderno”, num bairro de Zona Sul, onde a presença de garotos de programa é proibida. Ela funciona 24 horas.

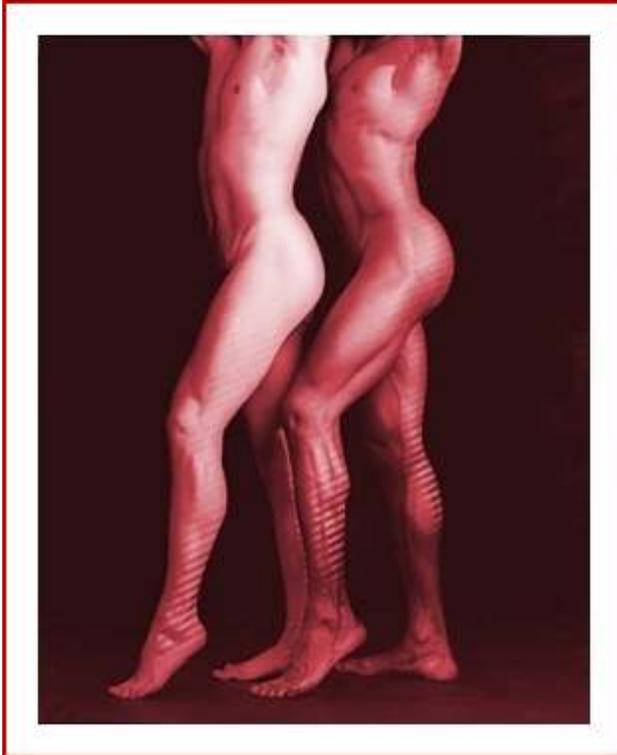
“Na área onde ficam as TVs passando os filmes, na entrada do labirinto escuro onde rola o sexo, percebi que masturbar-se na frente dos outros é algo que afasta possíveis parceiros. Parece ser uma “tentativa desesperada”. Ninguém dá muita bola. A não ser que o cara seja bonito. Uma tática bastante utilizada é beneficiar-se do fato de que o chuveiro que leva às saunas é separado da área do bar por um vidro transparente para exhibir-se. Muitos caras banhavam-se com o pênis semi-ereto, algumas vezes ereto. Ficavam de frente para a “platéia”. E depois saíam. Geralmente, alguns iam atrás. Subir a escada e dar um giro pelo labirinto é algo que é feito durante toda a noite, em intervalos sucessivos. Muitos ficam parados na parede das salas onde ficam as TVs, vendo quem entra ou sai. É um bom lugar para a caçada, os olhares, as insinuações. Percebi que uma tática para afastar quem estava me secando ou cantando era fingir que não havia percebido a encarada. Olhar para o teto...para a TV...É o que eu fazia. E funcionava. Vi outros fazendo o mesmo. Outra maneira de “fugir” é simplesmente descer as escadas de volta para a área de descanso. Ou mudar de sala, até que o cara desista e encontre outra possível presa”.

- 16 Mais uma vez, o sujeito desejado é “macho”. E novamente posso tentar perceber essas convenções a partir do modo como minha presença é percebida. Olhar para mim mesmo, para meu corpo, para o modo como me comporto lá dentro, e contrapor essas informações à forma como sou assediado em campo me ajudam a entender quem é e quem não é desejado naquele contexto. A “desejabilidade” passa não apenas pelo visual, pela estética – gordo, magro, malhado, bombado, baixinho, alto, jovem, velho, peludo, sem pêlos, bem dotado ou não – mas também pelo modo de se comportar – se é “bicha” demais ou de menos, se fica na sua ou é espalhafatoso, se bebe demais, se adota táticas desesperadas, como se masturbar vendo os filmes (o que, diga-se de passagem, é uma postura própria dos cinemões), se mantém uma postura mais sorrateira, discreta. A discrição aqui adquire novos significados. Ser discreto, para além de não ser “afeminado”, é saber olhar, mostrar, flertar sem parecer “desesperado”. Todas essas são convenções que implicam a valorização ou desvalorização enquanto parceiro sexual. Na sauna, não se fica nu o tempo inteiro. Trata-se de uma “semi-nudez”. Há a toalha. A sunga. A cueca. É também, como nos cinemas, um jogo de mostrar ou esconder. E de saber bem onde – e como – mostrar. E o que mostrar também.

O Clube X é um espaço para sexo e orgias privado. Fica num bairro da Zona Sul. O site dele traz os roteiros das festas organizadas pelo grupo. Os participantes (ou os antropólogos que lá forem fazer sua pesquisa...) devem, obrigatoriamente, concordar

em não vestir nenhuma peça de roupa lá dentro – o termo utilizado para a nudez obrigatória é “bottomless”. Os temas das festas são variados, envolvendo uma série de “fetiches” homoeróticos. Na primeira vez em que estive lá, convidado pelo principal organizador dos encontros de “BDSM gay” e de “*gays leathers*”<sup>13</sup> da cidade, tratava-se de uma festa de “mascarados” (a única peça de roupa permitida eram máscaras fornecidas na entrada). Assim, há festas “estudentinas”, para rapazes mais novos; “Boots”, que tem a ver com uniformes, especialmente militares; “Paizão”, em que rapazes mais novos realizam trocas eróticas com homens mais velhos; Há também festas sadomasoquistas, bem como um espaço especialmente criado para o exercício dessas práticas, dentro do clube (que conta com as chamadas slings, uma espécie de cadeira suspensa, feita de couro). Há uma série de itens que devem ser preenchidos para que um homem interessado possa ser membro dele: cadastrar-se (via site); ter uma aparência e uma atitude “masculina”; ter o peso proporcional à altura; ter entre 18 e 55 anos; ser “resolvido” e “open minded” - que, segundo alguns sujeitos de pesquisa, significaria não se restringir a fazer sexo com só um parceiro durante a festa, não fazer “carão”, nem “bancar o difícil”, estar, enfim, disposto mesmo a fazer sexo. Muito embora a consensualidade seja valorizada por meio da regra de que “não é não”. A consensualidade vem da sigla SSC – são, seguro e consensual ou consentido -, utilizada por adeptos/as como referência às práticas do BDSM. Segundo Zilli, o B designa o Bondage (Imobilização), sendo o par B & D para Bondage e Disciplina. O par D & S para Dominação e Submissão, e o par S & M para Sadismo e Masoquismo, ou Sadomasoquismo (Zilli, 2006). O BDSM envolveria ainda práticas ligadas ao Fetichismo. É interessante tentar articular as informações em torno da “consensualidade” com as teorias a respeito do erotismo. A partir dos anos 50 do século passado, o tema passa a ganhar destaque na intelectualidade francesa, pela retomada dos escritos do Marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch (podemos destacar Maurice Blanchot, Michel Leiris, Simone de Beauvoir, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Georges Bataille, dentre outros/as). Comparando escritos dos dois autores, Deleuze discute a unidade entre sadismo e masoquismo, argumentando que a idéia de “sado-masoquismo” é analiticamente inconsistente sob vários aspectos (DELEUZE, 1983). Para usar um jargão pós-moderno, eu diria que ela é discursivamente produzida no âmbito da medicina e da psicanálise. Essa é uma idéia especialmente interessante para quem toma o “s/m” contemporâneo como objeto de investigação<sup>14</sup>. Nos sites dos clubes que pesquisei até o momento, a consensualidade é afirmada de modo recorrente. Eu tenho me valido dela para poder fazer a pesquisa. Afinal, muito embora os proprietários do clube, os organizadores das festas, alguns freqüentadores que eles vêm me apresentando ou mesmo que eu conheci lá e com quem já pude conversar saibam quais são meus propósitos, a maioria das pessoas (que eu apenas observo) não sabe. A consensualidade é, de certo modo, uma forma de manter minhas roupas figuradas num ambiente de nudez escancarada e compulsória. Na página do Clube X na Internet, afirma-se que ele é voltado para “homens interessados em homens”. Homens com “jeito de homem”, com “voz de homem” e com “postura e vestimentas” masculinas. A masculinidade é então

um dos atributos que compõem o sujeito de desejo nesse contexto.



- 17 A apropriação feita por Bataille dos escritos de Sade perpassa boa parte dos escritos existentes a respeito do erotismo (BATAILLE, 1987). Inspirando-se em Sade, Bataille sugere que o erotismo deva ser pensado como transgressão às convenções morais. Gregori salienta que essa concepção é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo, sendo ainda limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero (GREGORI, 2004)<sup>15</sup>. A questão que me coloco é se essa concepção do erótico via Bataille dá conta de explicar as práticas aqui referidas. Em Bataille, o gênero aparece fixo e cristalizado, ligado ao dimorfismo sexual e à associação entre sexo/gênero e posições sexuais. O corpo “violado”, passivo, é “feminino”, oposto ao masculino violador que o penetra. Vale salientar que essas idéias presentes em Bataille não aparecem no próprio Sade<sup>16</sup>. Em termos “butlerianos”, eu diria que Bataille introduz o erotismo dentro da matriz heterossexual, impossibilitando que se pense o erótico fora da heteronormatividade (cuja operação de gênero implica a dualidade ativo/passivo, sujeito/objeto do desejo). E que para pensar o aspecto erótico nas práticas aqui referidas, seja necessário desconstruir a própria idéia do que é erotismo. Um primeiro passo talvez seja levar a sério o que os sujeitos com que tenho conversado dizem e dissociar a penetração do corpo de sua “feminização”. Um segundo passo talvez seja pensar que quando esses homens se dizem “machos” não estão se opondo necessariamente à “feminilidade”. A rejeição aqui é de quaisquer atributos – corporais, gestuais, comportamentais, relativos a sentimentos, sensações ou expectativas – que possam ser relacionados ao estereótipo do “afeminado”. A valorização do “macho”, os discursos que constituem o macho como objeto de desejo, não se opõem nesse sistema à feminilidade, mas à “bichice”.
- 18 Mas não basta ser “macho” para ser desejado no clube – é preciso ter um “corpo proporcional à altura”. Na minha primeira vez lá, comentando com um dos

funcionários o quanto me era estranho ter de ficar nu para fazer a pesquisa, ele me disse que isso era uma bobagem – afinal, eu tinha um corpo “digno de ser mostrado”. Ele apontou então para um senhor meio gordo e disse, rindo, que ele sim deveria ficar com vergonha. Mas não eu. Numa outra oportunidade, fui com um amigo e informante a uma festa no clube. Era o aniversário de uma figura conhecida do universo BDSM entre homens da cidade. Meu amigo me chamou a atenção em dado momento que aquela parecia uma “noite de abelhas”. O clube estava lotado. Os grupos estavam bem separados – os *leathers*, adeptos de s/m com suas roupas e acessórios de couro de um lado, os demais de outro. Os s/m andavam em bandos, de um espaço a outro e vez por outra performavam alguma cena entre si. Quando isso acontecia, em geral, os demais se afastavam. As cenas não pareciam fazer muito sucesso entre eles. Quando começava uma coisa diferente em um ponto da sala, juntavam-se muitas pessoas em volta para ver o que era, e depois saíam. Mesmo com as cenas de sexo (sem s/m propriamente), isso ocorria. Daí a idéia de meu informante, de que pareciam “abelhas” voando em bandos. Vão a um local juntas, olham, e depois saem juntas. Os rapazes mais novos geralmente andavam e brincavam juntos. Os mais velhos, ou aqueles cujo corpo não era “proporcional à altura”, ou se aproveitavam dos momentos em que as pessoas se aglomeravam em volta de uma “cena” nova para “tirar uma casquinha” dos rapazes, ou apenas olhavam de longe.

### ***Nem Toda Nudez Será Castigada***

- 19 Em outra oportunidade, levantei a hipótese de que a produção do “macho” como objeto de desejo é um dos elementos da materialização dos corpos e da produção das subjetividades nos contextos de minha pesquisa (BRAZ, 2007). Afirmei, ainda, que por mais questionável que seja do ponto de vista das hierarquias que coloca, a hipervalorização da masculinidade ou a criação discursiva do “macho” como objeto de desejo entre esses homens (e de um macho que não perde sua “macheza” ao ser penetrado) pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero e desejo que comporiam a matriz heteronormativa culturalmente hegemônica (BUTLER, 2003). Por outro lado, implicaria na criação de novos modos de hierarquização e de inteligibilidade, evidenciados pela construção discursiva de uma corporalidade desejante e desejável. Meu intuito aqui foi o de refletir sobre este último ponto, à luz de alguns dados de campo. Nesse sentido, pensar sobre a nudez – deles e minha própria – me pareceu um bom ponto de partida.
- 20 Csordas afirma que o corpo pode ser construído ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do estar-no-mundo I (CSORDAS, 1999). Isso significa manter em mente a possibilidade de que a representação pode ser entendida como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. O corpo pode não só ser visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”. A proposta de Csordas é que o corpo possa ser tomado como uma ferramenta de pesquisa. Nesse sentido, a experiência corporal (por que sobretudo perceptiva) não só dos sujeitos estudados, mas também do/a antropólogo/a, pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento, nem de “virar nativo”. Mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada não só nos sujeitos da pesquisa, mas no/a próprio/a pesquisador/a.

- 21 É por isso que acredito que, em campo, tanto a observação da nudez alheia quanto a experiência da minha própria nudez permitem um olhar sobre as convenções que regem a corporalidade desejável e desejante nos espaços em que faço a pesquisa. Convenções que dizem respeito à aparência e ao modo de se apresentar, às posturas (des)valorizadas, ao jogo da caça e da sedução. Bem como ao modo como a masculinidade é produzida, por meio de arranjos diversos que levam em conta marcadores de gênero, classe, sexualidade, posições sexuais, idade, gramática corporal. O macho é o sujeito de desejo nos circuitos do sexo entre homens na cidade de São Paulo. Essa hiper-masculinidade não só é reiterada e “performatizada”, mas também corporificada. O corpo do macho nu – e posto a nu – ajuda a entender não apenas como o sujeito hiper-masculino de desejo é produzido discursivamente nesses contextos, mas também como essa hiper-masculinidade é corporalizada, “embodied”, instituindo a partir daí modos particulares de relação social.
- 22 Nem toda nudez é castigada nesses espaços. A minha não o é, dentre outros fatores, pelo fato de eu estar fazendo meu trabalho de campo. Trata-se de uma exigência ético-antropológica. Mas ela não é a única a não sê-lo e, no caso das outras, trata-se do fato de que elas não são inteligíveis dentro das reiteradas convenções que tornam o corpo do sujeito de desejo “macho” sexualmente desejável.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. V. de. 1996. Corpo Presente – antropologia do corpo e da incorporação. In: Almeida, M. V. de (org). *Corpo Presente* – treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Portugal, Oeiras: Celta.
- BATAILLE, G.. 1987. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- BRAZ, C. A. de. 2006. *Além da Pele – um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp.
- BRAZ, C. A. de. 2007. Macho versus Macho – um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*(28), Campinas, Unicamp.
- BUTLER, J.. 2002. *Cuerpos que importan* – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós.
- BUTLER, J. 2003. *Problemas de Gênero* – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARRARA, S.. 2005. Só os viris e discretos serão amados? *Folha de São Paulo* – Caderno Mais, São Paulo, 19 jun..
- CARTER, A.. 1978. *The Sadeian Woman* – and the ideology of pornography. New York: Pantheon Books.
- CSORDAS, T.. 1999. The Body’s Career in Anthropology. In: Moore, H. L.. *Anthropological Theory Today*. London: Polity Press.

- DELEUZE, G.. 1983. *Apresentação de Sacher-Masoch* – o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Taurus.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectivas.
- DUARTE, L. F. D.. 2004. *A Sexualidade nas Ciências Sociais*: leitura crítica das convenções. In: Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (orgs.). *Sexualidade e Saberes*: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- FACCHINI, R.. 2006. Entrecruzando diferenças: corporalidade e identidade entre mulheres com práticas homoeróticas na Grande São Paulo. *25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (CD-ROM)*. Goiânia: ABA.
- FRY, P.. 1982. Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GALLOP, J.. 1981. "Friendship, a small number of exceptions: Bataille on Sade". In *Intersections* – a reading of Sade with Bataille, Blanchot and Klossowski. London: University of Nebraska Press.
- GREEN, J.; TRINDADE, R.. 2005. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. In: *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- GREGORI, M. F.. 2004. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (orgs.). *Sexualidade e Saberes*: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- KRISTEVA, J. 1982. From Filth to Defilement. In: *Powers of Horror* – an essay on abjection. New York: Columbia University Press.
- MACCLINTOCK, A. 1994. Maid to Order – Commercial S/M and gender power. In: Gibson, P.; Gibson, R. *Dirty Looks – Women, pornography, power*. London: BFI Publishing.
- MACCLINTOCK, A. 2003. Couro Imperial – Raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu*(20), Campinas, Unicamp.
- MACRAE, E.. 2005. Em defesa do gueto. In: Green, J. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. (2000), *Na metrópole*: textos de antropologia urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp.
- PERLONGHER, N.. 2005. Territórios Marginais. In: Green, J. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- SIMÕES, J. A.. 2004. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (orgs.). *Sexualidade e Saberes*: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L.. 2005. Do 'gueto' ao mercado. In: Green, J.; Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- WACQUANT, L. 2002. *Corpo e Alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Zilli, B. D.. 2006. O Perverso Domesticado: da patologia à diversidade sexual num estudo sobre o discurso "BDSM" na internet. *30º Encontro annual da Anpocs (CD-ROM)*.

## NOTAS

1. Este trabalho foi apresentado no GT 20: Sexualidades, Corporalidades, Transgressões, do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado de 29 de maio a 1 de junho de 2007 na UFPE, em Recife (PE). Agradeço à minha orientadora, Maria Filomena Gregori, e às/ aos demais pesquisadoras/es e professoras/es do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu), bem como a meus/ minhas colegas da área de Estudos de Gênero do Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp, pelas leituras cuidadosas, pelo apoio e por nossas conversas. Agradeço também a alguns dos sujeitos dessa pesquisa que têm me ajudado, e muito, a torna-la possível
2. Cabe lembrar que tal perspectiva não é novidade nas ciências sociais e está presente, por exemplo, nos trabalhos de WACQUANT (2002), CSORDAS (1999) e ALMEIDA (1996). Ver também BRAZ (2006).
3. S/m é uma abreviação para “sado-masoquismo”. Essa sigla aparece em parte da bibliografia como designando jogos eróticos inspirados em fantasias de dominação e submissão (a esse respeito, ver GREGORI, 2004. Ver também MACCLINTOCK, 1994; 2003).
4. A autora se inspira aqui na leitura que Kristeva faz das idéias de Mary Douglas (DOULGAS, 1976) para a constituição da idéia de abjeção. Os corpos que “não são” tornam-se importantes para se entender as normas que constituem as subjetividades possíveis ou inteligíveis (os corpos que “são”). Ver em KRISTEVA, 1982
5. Ver, por exemplo, SIMÕES, 2004; SIMÕES e FRANÇA, 2005; e FACCHINI, 2006. Vale salientar que os chamados queer studies tratam há tempos dessa questão.
6. Rede virtual para contatos eletrônicos que se transformou em “febre” no Brasil.
7. A pesquisa na internet vem sendo realizada desde o início de 2006. O trabalho de campo foi iniciado em outubro de 2006.
8. Os “cinemões” funcionam em casarões e prédios antigos, muitos deles onde antigamente já funcionavam cinemas para filmes não-pornôs. Ouvi em campo que esses locais eram “cinemas normais” antes do surgimento das grandes redes cinematográficas em shopping centers da cidade. Passam a ser cinemões depois disso.
9. No caso das saunas, cabe salientar que não se limitam a um ou outro tipo de mancha – elas espalham-se pela cidade.
10. Vale lembrar que muitas boates, tanto no centro quanto nos bairros da zonal sul, contam com dark-rooms – espaços escuros onde os frequentadores podem se engajar em trocas sexuais diversas. Contudo, como não realizei – e ainda não sei se vou realizar – pesquisas nesses espaços, não faço referência direta a eles aqui.
11. Trata-se de um survey realizado pelo Datafolha na Parada Gay de São Paulo de 2005, além da pesquisa conduzida pelo CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), pelo Grupo Arco-Íris e pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes na Parada Gay do Rio de Janeiro de 2004.
12. Vale salientar que o termo “bombado” não é exclusivo dos circuitos homossexuais, podendo ser utilizado para se referir a qualquer homem cuja corporalidade denuncie o uso de anabolizantes, inclusive heterossexuais. Outro ponto interessante a ser frisado é que “ursos” e “barbies” são necessariamente homens grandes, altos. Em campo ouvi que alguém baixinho jamais será “barbie” – no máximo, será uma “suzy”.
13. Os termos são dele.
14. Analisando um sex-shop idealizado por lésbicas em São Francisco, Gregori chama a atenção para o processo de criação de um erotismo “politicamente correto”, protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais, nos EUA (GREGORI, 2004). Segundo a autora, estaria em curso um deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do self. No que diz respeito

às práticas s/m, a autora percebe uma espécie de neutralização ou domesticação dos traços e conteúdos violentos a elas associados.

**15.** Uma análise da apropriação de Sade por Bataille pode ser encontrada em GALLOP, 1981.

**16.** A esse respeito, ver CARTER, 1978.